



SÓCRATES E JESUS: A RELAÇÃO ENTRE A FÉ E A RAZÃO

PAZ, Christiane Antunes.¹
BURÉ, Gabriel Gaudêncio Lopes.²
BORGES, Gustavo Godinho.³
CARNEIRO, Rebecka Elynn Bahia.⁴
BOEIRA, Adriana da Silva⁵

RESUMO

O trabalho a seguir visa mostrar as relações que coexistem entre a fé e a razão, comparando as vidas de dois de seus principais representantes: Sócrates - um dos grandes nomes da Filosofia - e Jesus - o cerne da fé cristã. Por meio de observações dogmáticas e técnicas documentais de pesquisa, utilizaram-se livros específicos e documentos oficiais, como, por exemplo, a Encíclica “Relações entre Fé e Razão”, do Papa João Paulo II, e respectivos trechos bíblicos, a fim de investigar a fundo este assunto peculiar. A análise crítica destas fontes e bibliografias manifestou pontos de contato entre a carreira de Sócrates e o ministério de Jesus Cristo, demonstrando a importância da filosofia para a interpretação e concretização das ideias contidas nos documentos bíblicos, e o papel da fé no descobrimento de novos horizontes para o conhecimento filosófico, possibilitando ao sujeito buscar por si próprio o conhecimento genuíno.

PALAVRAS-CHAVE: Sócrates; Jesus Cristo; Fé; Razão; Conhecimento Filosófico.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar as relações que existem entre a fé e a razão, ilustradas pelas vidas de dois dos maiores personagens de todos os tempos: por um lado, Sócrates, um divisor de águas na história da Filosofia, bem como um dos principais representantes da razão, e pelo outro lado, outro divisor de águas na história da humanidade (literalmente): Jesus Cristo, figura central do Cristianismo e um dos principais nomes que vêm à mente quando se fala em fé.

É de extrema relevância que se faça um estudo sobre a relação entre fé e razão, pois muitas pessoas acreditam que ambas são incompatíveis, devido aos conflitos que se estendem ao longo dos

¹ Estudante do Curso de Direito do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: christiane.upa@gmail.com

² Estudante do Curso de Direito do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: gabriel@bure.adv.br

³ Estudante do Curso de Direito do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: gustavoborgesgodinho@gmail.com

⁴ Estudante do Curso de Direito do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: rebekabahia2@icloud.com

⁵ Professora de Metodologia Científica do Curso de Direito do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: adrianasilva@fag.edu.br



séculos com relação a este assunto. No entanto, para que se possa entender que nem uma nem outra são incompatíveis, deve-se primeiro aprender o que significa cada uma delas.

A razão é a habilidade de pensar de forma lógica, para chegar a conclusões exatas a partir de evidências obtidas através de análises; ela é necessária para que se possa compreender o mundo em que vivemos. Porém, a razão nem sempre é perfeita, pois erros podem ser cometidos, ou ainda as evidências podem ser inconsistentes ou incompletas, e a celebridade escolhida para representar este quesito foram Sócrates. Segundo Matens Ekkehard (2013, p. 138), “Sócrates foi o maior pensador da filosofia grega. Seus ensinamentos sempre discorreram sobre a essência da natureza da alma humana”. Para alguém que é considerado pai da Filosofia, além do precursor de recursos da razão tais como a Maiêutica, a Ironia, a Retórica, não há personalidade melhor a ser catalogada do que Sócrates.

Em contrapartida, a fé se trata da capacidade de acreditar em algo; ela pode ser baseada em evidências, argumentos, ensinamentos, entre outras coisas. Por exemplo, na Bíblia, a fé não se trata apenas de uma crença qualquer, pois para ela é a fé que leva as pessoas a acreditar que Jesus é o Salvador do mundo e que veio para salvar a humanidade de seus pecados (WOJTYLA, 1999). Portanto, para a fé não há figura melhor a ser ilustrada do que a de Jesus Cristo.

Em suma, nas palavras do Papa Emérito Bento XVI, "a razão acolhe uma verdade por força de sua evidência intrínseca, mediata ou imediata; a fé, contudo, aceita uma verdade com base na autoridade da Palavra de Deus que se revela". (Canção Nova, 2010).

2 REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SÓCRATES

Sócrates nasceu em Atenas, em 470 a.C, que no início do século V a.C se tornaria o principal referencial da cultura grega. De sua infância pouca coisa se sabe: apenas que estava sempre auxiliando seu pai no Templo da grande metrópole, aprendendo seu ofício, que acabaria por se tornar seu ganha-pão durante a juventude. Além de escultor, também serviu ao exército ateniense por três temporadas, chegando a participar de um dos conflitos mais salientados de tal contexto histórico: a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C).



Depois de se aposentar na carreira militar, Sócrates passou a exercer as funções pelas quais ficou mundialmente célebre: a de professor e, principalmente, de filósofo (TANCREDI, 2019). Esta última chegou a um grau tão grande que lhe concedeu o privilégio de ser aquele que dividiria as águas na história da filosofia antiga, que hoje é dividida em *Antes de Sócrates* (Período Pré-Socrático) e *Depois de Sócrates* (Período Pós-Socrático).

Sócrates era considerado por seus conterrâneos um dos homens mais sábios e inteligentes que já tinha pisado sobre a Terra. O filósofo foi tido por muitos como um homem sábio justamente por assumir não saber de nada. A sua frase mais célebre é: “Só sei que nada sei”. Alguns a consideram o paradoxo de Sócrates (EKKEHARD, 2013).

Sócrates não foi muito bem aceito por parte da aristocracia grega, pois defendia algumas ideias contrárias ao funcionamento da sociedade grega. Criticou muitos aspectos da cultura grega, afirmando que muitas tradições, crenças religiosas e costumes não ajudavam no desenvolvimento intelectual dos cidadãos gregos. Em função de suas ideias inovadoras para a sociedade, começa a atrair a atenção de muitos jovens atenienses. Temendo algum tipo de mudança na sociedade, a elite mais conservadora de Atenas começa a encarar Sócrates como um inimigo público e um agitador em potencial. Foi preso, acusado de rejeição aos deuses gregos e de se associar aos sofistas, ensinando os jovens a serem selvagens e desrespeitosos e, com isso, corrompendo a juventude. O filósofo também foi acusado de ser contra a democracia, por estimular as pessoas a pensar, questionar as regras e desenvolver o lado intelectual (EKKEHARD, 2013).

O Conselho dos Quinhentos, órgão político democrático ateniense, acabou votando pela sentença de morte. Porém, ele poderia ter outra opção de pena. O pensador disse que preferia a morte a desmerecer toda a sua capacidade filosófica e assim, dar um mal exemplo para as futuras gerações. Com isso, em 399 a.C., Sócrates optou por acabar com sua vida após ingerir um copo de cicuta (veneno), aos 70 anos (TANCREDI, 2019).

2.3 JESUS

Jesus nasceu em Belém, por volta do ano 4 a.C. Contraditoriamente, seu nascimento ocorreu antes mesmo do que sempre foi imaginado, pois Dionísio, o monge que calculou a data de seu nascimento, acabou por aproximá-la por volta do dia 25 de dezembro do ano 0 (DOMINGUES, 2019). No entanto, o rei que haveria de perseguir Jesus ainda criança - Herodes - já havia morrido antes



mesmo do nascimento de Jesus, dando a entender que ocorreu um leve equívoco nos cálculos do monge. Assim, estudos recorrentes comprovam que Jesus nasceu entre os anos 6 e 4 a.C, período em que Herodes reinou em Israel.

Após seu nascimento, ocorrido em Belém por causa de um recenseamento que estava sendo feito, Jesus viveu sua infância e juventude no pequeno povoado de Nazaré, onde seus pais tinham residência fixa. Homem feito, Jesus assumiu sua “missão divina” aos 30 anos de idade, por volta do ano 27 d.C quando foi batizado por seu primo, João, também chamado de “Batista” (MATEUS 3,13-17), começando o seu ministério, em que deu início a uma série de pregações sobre o Reino de Deus e seus valores, tais como o amor, perdão, generosidade, justiça, etc. Durante três anos, percorreu toda a Palestina anunciando o evangelho e operando inúmeros milagres, atraindo multidões de pessoas que vinham de todas as partes e fazendo discípulos em muitos lugares (MATEUS 4,23-25)

Tamanha popularidade incomodou muitas das autoridades da época, que tinham seus crimes denunciados pelo próprio Jesus em pessoa, fazendo com que os líderes judeus deixassem de ser seguidos e, por conseguinte, rebatendo-os para Jesus (MATEUS 23,1-12). Diante desse cenário, os fariseus e os saduceus resolveram dar um fim no Mestre da Galileia, e da pior maneira possível: morte por crucificação (MATEUS 26,3-5). O que se segue é doloroso, pois a crucificação era um método de execução reservado apenas a escravos e aos piores bandidos; no entanto; após sua morte, seus discípulos continuaram seu legado espalhando seus ensinamentos por todo o mundo afora até então conhecido, sendo perpassados pelas gerações até os dias de hoje (MARCOS 16,19-20).

2.3 SOCRATES E JESUS

Diante desse contexto, um dos aspectos marcantes dos dias hodiernos é um interesse crescente pela vida espiritual. Porém, o cidadão moderno é mais participativo e procura aliar a razão à fé, o conhecimento à doutrina. Nesse sentido, Jesus Cristo (talvez a personalidade mais conhecida em todas as culturas) começa a ter sua vida investigada por estudos históricos. Com efeito, a comparação da vida do Cordeiro com o filósofo Sócrates, torna-se, pois, possível, tendo em vista a grande semelhança existente entre o perfil, a metodologia empregada e alguns dos valores contidos nos ideais defendidos por cada um, como pode ser observado a seguir:

Ambos vieram de origem humilde: Sócrates era filho de um artesão com uma parteira, e sempre que podia, auxiliava o seu pai no trabalho, aprendendo ele também a profissão de artesão. Da



mesma forma, Jesus era filho de José, um simples carpinteiro de Nazaré, com Maria, uma serva do Templo de Jerusalém, e também aprendeu com seu pai a profissão de carpinteiro. Tal contexto pode ser comprovado nas páginas do Evangelho, nas quais Jesus sempre é citado como o “filho do carpinteiro” (MATEUS 13,55)

Ambos foram julgados e condenados à morte, por serem considerados uma ameaça à sociedade em que viveram: Sócrates foi condenado, segundo acusações de seus desafetos, “por corromper a juventude com seus ensinamentos e introduzir novos deuses” na cultura grega, sendo assim, sentenciado a beber cicuta – um chá feito de ervas venenosas – indo à óbito logo em seguida. Jesus, por sua vez, como é narrado pelos evangelhos, foi condenado pelos líderes e autoridades de sua época – os fariseus e os saduceus – por um único crime: blasfêmia, por se considerar o “Filho de Deus”, o que era uma transgressão muito grave para a época e a cultura em que se encontrava. No entanto, apesar da blasfêmia sempre ser punida com a morte, o Sinédrio – o conselho mais alto de Israel – ainda adicionou mais crimes a sua ficha, como transgressão da lei judaica do sábado, sonegação de impostos ao Imperador Romano e desordem pública (LUCAS 23, 2-5), pois como Pôncio Pilatos era o único na região que tinha poder para executar a pena capital, este precisava de um motivo válido para condenar Jesus aos olhos de Roma. Diante dos crimes apresentados e da pressão que as autoridades lhe exerciam, Pilatos cedeu à vontade geral e sentenciou Jesus à pena máxima da lei romana: morte por crucificação.

Além disso, suas vidas e carreiras não foram registradas por si próprios, mas sim por seus chegados: a vida de Sócrates foi registrada pelos seus alunos, especificamente pelo seu admirador mais fiel: Platão, que seria um filósofo tão grande quanto ele. No caso de Jesus, muitas lendas e falsas histórias se espalharam a seu respeito após sua Paixão. Para evitar a circulação delas, foram designadas entre os Apóstolos de Jesus algumas pessoas que sempre estiveram com ele no propósito de registrarem sua vida e seus ensinamentos para as futuras gerações: são os chamados “Evangelistas”. O Cânon Bíblico nos lista quatro deles: Mateus – ex-morador de impostos que abandonou tudo para se tornar um leal apóstolo de Cristo, – Marcos – secretário do apóstolo São Pedro, acompanhou todos os sofrimentos e a morte de Jesus de perto, bem como a de Pedro também, em Roma, - Lucas – companheiro do apóstolo São Paulo, era um médico e pintor turco que havia sido enviado em missão anteriormente por Jesus, - e João – o amigo predileto de Jesus e um de seus mais fiéis apóstolos, que acompanhou todos os sofrimentos e a morte de Jesus de perto, juntamente com sua mãe (II CONCÍLIO DO VATICANO, 1966).



No contexto de uma sociedade pós-moderna, a relação entre a fé e a razão ganha contornos não de rivalidade, mas de cooperação. A filosofia, como acentua a encíclica elaborada pelo Papa São João Paulo II, torna efetiva a compreensão e a interpretação a ciência da fé. Assim, observa-se a importância do tema nesse novo milênio, em que a cada dia a pessoa torna-se mais exigente, em busca de conhecer e interpretar o conjunto de informações que lhe são apresentadas. Este é o ponto da relação entre a fé e a razão: a comparação entre os dois expoentes demonstra a viabilidade dessa comparação propiciando ao sujeito uma verdadeira busca pelo conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, verifica-se que o trabalho falou sobre dois grandes homens. Cada um a sua maneira, deixou marcas fantásticas e capazes de atrair uma tese de mestrado ou doutorado. Embora pertencentes a épocas distantes, para não dizer extremas, ambos tiveram pontos em comum: eram inteligentes e carismáticos em atrair seus respectivos públicos. Razão e fé não são concorrentes: uma supõe a outra, e cada qual tem o seu espaço próprio de realização.

REFERÊNCIAS

WOJTYLA, Karol. **As relações entre fé e razão**. Edipucrs: Porto Alegre, 1999.

EKKEHARD, Martens. **A questão de Sócrates**: uma introdução. Tradução de Vicente Sampaio. São Paulo: Odysseus, 2013.

TANCREDI, Silvia. "**Sócrates**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/socrates-biografia.htm>. Acesso em 13 de junho de 2019.

DOMINGUES, Rodnei. "**A contagem dos anos na era cristã**". Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Continuada. Disponível em: <http://gerenciamentodotempo.com.br/a-contagem-dos-anos-na-era-crista>. Acesso em: 10 de jun. 2019.

SANTA SÉ. II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Dei Verbum: Roma: 1965.

Fé e razão são plenamente compatíveis, defende Bento XVI. Canção Nova, 2010. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/mundo/fe-e-razao-sao-plenamente-compativeis-defende-bento-xvi>. Acesso em: 10 de jun.2019.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução Oficial da CNNB. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2018.